

Para os homens perderem a pressa

Pode ter surgido uma alternativa para tratar um problema do qual os homens evitam até mesmo falar – a ejaculação precoce, que afeta entre 21% e 33% dos homens em algum momento de suas vidas. Jon Pryor e uma equipe de médicos da Universidade Minnesota, Estados Unidos, publicaram um estudo na *Lancet* de 9 de setembro mostrando a segurança e eficácia do uso de um antidepressivo chamado dapoxetina contra essa que é considerada uma das mais comuns disfunções sexuais masculinas. Nesse teste, 870 homens tomaram placebo e 874 com ejaculação precoce

moderada ou severa tomaram esse medicamento de uma a três horas antes da relação sexual, em duas dosagens diferentes. Antes, 62% dos participantes do estudo ejaculavam em menos de um minuto depois da pene-

tração. Três meses depois, o tempo de ejaculação passou para 1,75 minuto em média para os que haviam tomado placebo e para 2,78 minutos para os que haviam recebido 30 miligramas de dapoxetina e para 3,32 minutos para os que tomaram 60 miligramas. Segundo os pesquisadores, o medicamento foi bem tolerado, embora alguns homens tenham relatado náusea, diarreia, dor de cabeça ou tontura. A FDA, a agência dos Estados Unidos que delibera sobre alimentos e medicamentos, negou no ano passado a liberação de uso desse medicamento contra ejaculação precoce. •



Exercícios com efeito duvidoso

Fazer exercícios ajuda a viver mais, certo? Não é o que diz a teoria científica em vigor, que vê os animais com um estoque finito de energia. Se for verdade, os que gastam mais energia devem ter vida mais curta. Agora um experimento feito na Universidade de Groningen, Holanda, põe em dúvida ambas as visões. Três grupos de camundongos foram acompanhados por três anos: um era de corredores que adoravam se exercitar nas rodas postas em suas gaiolas, outro era de corredores que não tinham acesso a rodas e o terceiro era de camundongos comuns que tinham uma roda para correrem quando quisessem. De acordo com esse estudo, apresentado em outubro no encontro anual da Sociedade Americana de Fisiologia, os corrido-

res que tinham acesso às rodas gastavam 25% mais energia ao longo da vida que os dois outros grupos, mas tiveram longevidade igual aos corredores sedentários – cerca de 90 dias menos que os animais comuns. Os pesquisadores acreditam que os ratos corredores que gastavam mais energia podem ter compensado os danos do estresse oxidativo que resulta do exercício físico intenso com uma maior produção de antioxidantes, mas não encontraram diferenças nos níveis dessas substâncias entre os

dois grupos. Por enquanto, continua a corrida para descobrir o que faz os animais envelhecer e morrer. •

Mais pesado, com vida curta

Durante um milésimo de segundo os aparelhos de físicos russos e norte-americanos abrigaram três átomos do elemento químico mais pesado já criado. Mas esse tempo não bastou para fazer análises nem batizar o recém-nascido. Ele fica por ora conhecido como

elemento 118. O número indica a quantidade de nêutrons em seu núcleo – é o que define seu peso. Na mesma ocasião foi também descoberto o elemento 116, subproduto da decomposição do 118. Os pesquisadores estão ainda cautelosos, pois para ser aceito o novo elemento tem de ser produzido também em outros laboratórios. A tabela periódica por enquanto continua igual. Se o novo elemento algum dia vier a integrá-la, entrará abaixo do radônio, na categoria dos gases nobres. •





Pólo sul da
Lua: contrário
à teoria

■ Muito frio, mas sem água

O pólo sul da Lua tornou-se mais conhecido por meio de imagens de radar de alta resolução de dois telescópios, um em Porto Rico e outro nos Estados Unidos, que penetravam vários metros além da superfície e delimitavam áreas pequenas, de 300 metros (*Nature*, 19 de outubro). Os astrofísicos de um grupo de universidades associadas em um projeto financiado pela National Science Foundation (NSF), dos Estados Unidos, esperavam encontrar água nas crateras do pólo sul que se encontram sob a permanente sombra do Sol. Há 40 anos as teorias sugeriam que poderia haver gelo nessas regiões escuras e muito frias, com temperaturas constantes de 233° Celsius negativos. Em 1992, telescópios terrestres localizaram depósitos de gelo nos pólos de Mercúrio e mais tarde um satélite identificou hidrogênio nos pólos da Lua.

Só faltava encontrar água. Não encontraram. Mas a esperança de encontrar água na Lua ainda não evaporou por completo. Pode haver gelo na Lua sob a forma de grãos espalhados ou em finas camadas sob a superfície rochosa. •

■ Terapia gênica para os olhos

A terapia gênica traz esperança para portadores da amaurose congênita de Leber, doença hereditária detectada em 10 a 20% das crianças cegas. Uma equipe de pesquisadores liderada pelas francesas Guylène le Meur e Fabienne Rolling, do Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica (Inserm) de Nantes, inseriu o promotor de um dos genes responsáveis diretamente nas células da retina de cães portadores da doença. Todos os sete animais tratados entre 8 e 11 meses de idade recuperaram a atividade elétrica na retina e demonstraram melhor desem-

penho visual em um percurso com obstáculos. Os resultados sugerem que a técnica pode ser segura e, se for aplicada antes que a atrofia da retina se torne irreversível, eficaz – o que faz dela uma candidata a ser testada em humanos nos próximos anos. Se bem-sucedida, a pesquisa pode dar origem à cura para uma doença que até agora deixa no escuro milhares de crianças. •



■ Mar poluído na América do Sul

Mares e oceanos ainda correm perigo, em especial na América Latina. Um estudo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) divulgado em outubro registrou uma evolução irregular nos nove parâmetros usados para avaliar a situação dos mares. Os maiores problemas que não só persistem mas mostram tendência a piorar são esgotos, nutrientes, lixo no mar e alteração física e destruição de habitats. O crescimento populacional e a urbanização acelerada nas regiões em desenvolvimento são responsáveis pelos principais prejuízos: descarga ampliada de esgoto não tratado e destruição de pântanos, manguezais, praias e recifes de coral. A extração e o transporte de óleo na América do Sul agravam a poluição das águas. Os impactos reduzem a biodiversidade e a atividade pesqueira. •

